

O diário e a peste: uma experiência singular¹

The diary and the plague: a unique experience

El diario y la peste: una experiencia singular

SAMUEL ANTÔNIO ZANESCO²

DURANTE A PANDEMIA COVID-19 (SARS-CoV-2) NO ANO DE 2020, NASCEU UM Diário de Quarentena no confinamento obrigatório e necessário, refletindo em diferentes linguagens, grafias, imagens e fragmentos do cotidiano que a reclusão imprimiu e que conversam diretamente com os nossos dilemas, uma vez que fomos afetados diretamente pelos ecos de uma peste que revirou a história universal naquele ano fatídico. Numa odisséia sem fim, inesperada, incompreendida e aterrorizante, como se estivéssemos assistindo a um longa-metragem ficcional e futurista, que se transformou em pura realidade na qual toda a humanidade protagonizou e agonizou ou negou e subestimou. Esses gestos registrados diariamente são os reflexos daqueles tempos sombrios e suspensos, com a morte sempre avizinhada e resvalada aos nossos corpos-pó.

Nada era mais estranho naqueles minutos de angústia do que minha nudez ao vento na alameda de um jardim desconhecido.

Estranhamento, com Bataille (2018, p. 29), de um corpo confinado. Será um corpo ora amuado e triste ora pulsante e esperançoso. O diário acompanhou o

1. O ensaio proposto aqui é fruto das reflexões do Diário de Quarentena produzido pelo autor a partir de março de 2020 durante a produção de tese de doutorado intitulada “Caos, imagens e memórias: um museu clandestino e fragmentado e fantasmagórico e...”.
2. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP – SP.

corpo do pesquisador que desenvolvia uma tese de doutoramento durante o período mais nevrálgico da COVID-19. A escrita sofria interferência brutal derivada do processo do confinamento imposto. O corpo atravessado pelos reflexos do momento histórico evidenciava de maneiras variadas suas sensações diante da reclusão, como nessa citação de Gonçalves Tavares:

O corpo é rodeado e rodeia – é um corpo espacial – influenciado e influenciando o espaço. O corpo também rodeia e é rodeado pelo tempo; o corpo não é somente uma coisa que tem coisas em sua volta, é também um tempo que tem memória e projeção. Cada ato no mundo constrói a identidade. Agir é um jogo que coloca a nossa identidade como sendo um elemento frágil, manipulável. Não se devia falar de identidade individual, mas sim de uma identidade definida por um par: observador e observado. Como os imaginários são individuais há uma multiplicidade de identidades (eu sou cem mil, tu és cem mil). Há uma insatisfação humana paradoxal: o homem tem tudo, incluindo a sensação de que lhe falta algo (TAVARES, 2021, p. 511).

Registrar diariamente as sensações e pulsações de um corpo vivo e vibrátil em imagens e palavras imprimia um exercício de experimentos afetivos.

A relação do diário com o corpo será uma atividade desviante que experimenta uma situação urgente e uma necessidade de sobrevivência desse mesmo corpo em seu estado de reclusão e medo. É, também, uma forma de comunicação consigo mesmo. Os ecos do pensamento aparecem em palavras e imagens. Seja consciente ou inconsciente a verticalização do diário vai mostrando as facetas por vezes rotineiras e por vezes desesperadas de um corpo solitário em setenta metros quadrados dando vazão para as variadas reflexões represadas.

Um corpo recluso que muito quer e que pouco pode. Controlar o corpo era amputar os desejos. Refém do momento, o corpo encara seus temores, anseios, necessidades. Ele fala pelos poros e não mais pela boca.

Sabem como é simples um desejo? Dormir é um desejo. Passear é um desejo. Ouvir música, ou fazer música, ou escrever são desejos. Uma primavera, um inverno são desejos. A velhice também é um desejo. Mesmo a morte (...). O desejo nunca deve ser interpretado, é ele que experimenta (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 18).

Muita coisa muda quando o corpo está confinado. Os detalhes aparecem porque as distâncias desaparecem. O diário servia para registrar as sensações corpóreas e os desejos que brotavam. Palavras e imagens foram recrutadas. Um registro único e sempre singular e subjetivo.

É como se o desejo fosse o sujeito, e nós, o objeto. O nosso desejo fala, nós ouvimos. O nosso desejo age, nós assistimos. É uma força mais forte que o proprietário da força; é ele que experimenta, isto é, ele que doseia, que põe mais ou menos, que diminui a intensidade, o volume, nós, pelo contrário, nada podemos fazer, não somos cientistas em redor ao nosso desejo: não podemos amputar, modificar, não podemos experimentar assim ou de outra maneira. O desejo atua sobre nós como um cientista no laboratório sobre sua matéria; ele, o desejo, atua doseia as nossas intensidades: vamos estar mais ou menos conscientes, controlamos mais ou controlamos menos (TAVARES, 2021, p. 149).

Escrever naquelas circunstâncias era como traçar normas de um testamento. Como se o dia seguinte nem pudesse existir. Tudo era uma incógnita nebulosa. O registro diário era atestar a vida. O que sobrava era o desejo. O mais era etéreo.

Não é o desejo que se apoia nas necessidades; ao contrário, são as necessidades que se derivam dos desejos: elas são contraproduzidas na real que o desejo produz. A falta é um contrafeito do desejo, depositada, arrumada, vacuolizada no real natural e social. O desejo está sempre próximo das condições de existência objetiva, une-se a elas, segue-as, não lhes sobrevive desloca-se com elas, razão pela qual é, tão facilmente, desejo de morrer, ao passo que a necessidade dá a medida do distanciamento de um sujeito que perdeu o desejo ao perder a síntese passiva das condições. A necessidade como prática tem unicamente este sentido: ir procurar, capturar, parasitar as sínteses passivas onde ali se encontram. Não adianta dizer: não somos ervas, perdemos há muito tempo a síntese clorofílica, é preciso comer... O desejo torna-se então esse medo abjeto da falta (DELEUZE; GUATARRI, 2011, p. 44).

Confinados passamos a lidar com as faltas e as ausências. Solitários e reféns de um momento imprevisto e indesejado, nossas ações internas revelam labirintos desconhecidos.

A produção do diário de quarentena, com imagens e palavras, também acompanha o elemento principal de pesquisa da tese de doutorado do autor que são os

estudos da sobrevivência das imagens. A potência dessa análise imagética profunda reverbera explicitamente no diário os efeitos da sobrevivência das imagens que parecem sublinhar que o tempo da pandemia é um tempo de despedidas. Os registros entram em cena como a possibilidade de datar o tempo e o espaço. As imagens sobreviverão, os corpos não. O exercício diário de montagens, desmontagens e remontagens imagéticas quer enganar e driblar a finitude. O corpo, agora suspenso, experimenta sua própria fragilidade.

NOTAS DE UM (SOBRE)VIVENTE:

Como tem sido difícil manter o equilíbrio e desenvolver uma escrita alegre e com alguma leveza nesses tempos pandêmicos! Fica distante até desejar escrever com palavras otimistas e felizes nesse momento incógnito que nos consome. As notícias que circulam, praticamente em todas as mídias, são profundamente assustadoras e entristecedoras, e aos poucos, pessoas muito próximas são acometidas pelo vírus letal. Contaminações, internações, intubações, agonias e óbitos são palavras que retumbam dia-noite-madrugada-dia em nossos ouvidos, enquanto uma cifra gigante e angustiante de pessoas ceifadas dentro desse caos diário de perda e desolação toma conta de nós. Será essa a atmosfera das guerras? Com esse medo que ronda todos os cantos? E essa vulnerabilidade que rouba nosso sossego, pois, a qualquer momento, podemos inalar o vírus que circula entre nós. Como controlar o medo e a ansiedade?

É a morte à espreita lá fora e, aqui dentro, solidão, medo e angústia. Uma aflição que não passa e nos paralisa frente ao caos instaurado e que se intensifica pela desorganização do Estado, falta de zelo governamental, pela inoperância das instituições delegadas a gerir a crise da pandemia da Covid-19, pela atitude negacionista e irresponsável de um líder da nação e seus seguidores cegos e igualmente irresponsáveis diante dos fatos. Como entender a devoção e a veneração dessa camada de pessoas que adulam e apoiam um presidente psicopata e patético que propaga o negacionismo da pandemia e que distorce o momento dessa república brasileira mergulhada na sua pior crise sanitária histórica?

Solidarizo-me com o artista plástico, poeta e escritor Nuno Ramos, que expressa o nó em nossas gargantas:

O tempo da pandemia, entre nós, é o tempo mesmo da política. São idênticos. Claro que há, em qualquer país, contato entre as duas coisas, mas aqui elas se sobrepõem à

perfeição. Pois é próprio do impulso como do bolsonarismo entrar nas coisas o tempo todo e pelo revés, pelo ralo, pelo incêndio, pelo tornar pior e mais violento. Não há hiato, não há pausa, e identidade em seu sentido mais pobre, o permanecer assim, o reaparecer igual, é seu núcleo. Por isso, o casamento entre a pandemia e o bolsonarismo é tão perfeito, e a ideia de contágio, de contaminação viral, aplica-se a ambos. Ao invés de despolitizar o vírus, portanto, será preciso, do nosso lado, politizá-lo loucamente. E não quando a quarentena terminar (essa miragem). Agora. A luta mais chocante está acontecendo neste exato momento – pessoas são mandadas à morte. Esses grandes sacanas, esse combo de ressentimento popular com sadismo de elite, não param e não vão parar nunca. Sofrem como zumbis dos filmes B, de uma fome que não pode ser saciada. Não é que temos de pará-los, mesmo fechados em casa. Nossa quarentena não deve ter nada de doméstica. Não pode ser feita de minisséries, leituras de Proust, cuidados com orquídeas. Nossa varanda deve se transformar, não sei como, numa arena política (RAMOS, 2022, p. 197-198).

Tempos difíceis, sombrios e obscuros. Ficamos até repetitivos. A presença desconvidada da morte às nossas portas. O medo e a angústia parecem neutralizar nossas esperanças. Há um luto contínuo, diário e coletivo que nos põe cabisbaixos e impotentes. Fugir, esquecer, desertar parece também uma falta de respeito com esses milhares de mortos pela pandemia mundial.

O que fazemos diante de tudo isso? Respiramos fundo e nos damos conta de que estamos vivos e que, a partir de agora, não podemos mais deixar a vida para o amanhã? Ou temos que exercitar, até mesmo sem querer, que a vida não oferece ensaios e que não haverá uma segunda chance? Não é fácil seguir.

Pois bem, diante de todos os acontecimentos, forçar uma escrita mais otimista e motivadora é torturante e antinatural. E deixar-se cair na tristeza e na cruel realidade desses dias suspensos e inseguros também nos joga na inércia e na impotência. Embola e bagunça a vida. E a pesquisa, que quer prosseguir, é tomada de assalto pelo inesperado e infortúnio desses tempos distópicos. Portanto, é inevitável que essa escrita seja contaminada e afetada pelos efeitos diretos e indiretos do momento histórico que desenha a imensa e triste situação de dor e perdas lá fora. Aqui dentro, tentamos recuperar forças e produzir alguma esperança e lucidez no caos diário que nos arrasta. Nesses hiatos, relatamos um pouco da realidade que nos cerca agora e o possível (des) equilíbrio moldado em nós e no outro, condições de sobrevivência, uma vez que a

vulnerabilidade envolve nossos corpos frente ao vírus que nos assombra e aterroriza. Recorro novamente ao Nuno Ramos em seu desabafo, que é nosso também:

Li na internet a seguinte pergunta: como um fascista mente? Bem, ele não mente, ele desmente. Ele nega o que disse e nos acusa de tê-lo dito por ele. Ele cria uma câmara de ecos em que a energia do que disse, de seu ato verbal, já se perdeu, e é nessa perda mesmo que ele investe. Um fascista mente sem gramática, não por ignorância (errar a gramática não é nunca um problema), mas porque precisa de uma dispersão linguística que beire o ininteligível e onde, embora o sentido do que diz seja claro (por exemplo, “dar um golpe”, o contrário também estará dito, numa frasezinha lateral e aparentemente sem sentido, para que possa ser resgatada se necessário. Mais do que falsidade, a mentira fascista é um caso de covardia (RAMOS, 2022, p. 203).

O *fim* que agora enxergamos de nossas janelas já não é metáfora ou figura de linguagem. Ele é aquela jamanta desenfreada e desgovernada que pode atravessar nosso caminho a qualquer momento, provocando a pior das tragédias. Com poucas escolhas e frágeis escudos, lutamos para salvar a nós próprios, em um jogo cruel de uma “roleta russa”. O momento e as circunstâncias borram a mente e a visão. Meio mancos, tentamos avançar, retrocedendo naquilo que já foi um hoje sem a pandemia, e as sequelas desse passado recente talvez nunca sejam recuperadas.

A seguir entraremos em contato com um passado próximo em que palavras e imagens roteirizam ações de um tempo singular e subjetivo dentro de um diário. Registros aleatórios percorrem cinco meses do confinamento obrigatório em 2020.

DIÁRIO DE QUARENTENA – 15 DE MARÇO DE 2020 – SÁBADO – 09H33MIN



3. Todas as imagens que aparecem neste ensaio são do Diário de Quarentena do autor do texto. O diário traz registros em imagens e palavras durante a pandemia da COVID-19 em 2020.

Estou dirigindo numa estrada ensolarada. No acostamento, sentado na grama verde, vejo um homem com seu anúncio a carvão num papelão amarelado de sol: FAÇO CHAPA!

Há alguma coisa estranha no ar. Os noticiários me confundem. O que está acontecendo de fato? Que vírus assustador é esse?

Ontem saí para dançar e ver a realidade. Ou melhor, não vê-la. Não sabemos o que está por vir.

Ah! a noite... Sempre ela tão poderosa, tão imprevista, tão ardilosa, tão solvente. São muitas noites dentro da noite. Elas saltam, disfarçam, metamorfoseiam, mentem, escondem e depois evaporam. A noite de ontem foi de garotos sempre perfumados, barba perfeita e cabelos alinhados. Olhos confusos que desejam e recolhem mistérios. Olhos tímidos, ousados, complexos, ansiosos e absolutos. Olhos que acompanham as muitas noites dentro da única noite. Assim como cartografando labirintos frenéticos, arrastam nossos segredos à quase decifração. É nesse trajeto-tempo noturno que um beijo úmido nos desloca. Pela libido, pelo erotismo, pela pulsão, senhas são reveladas e permitimos invasões desejadas.

DIÁRIO DE QUARENTENA – 16 DE MARÇO DE 2020 – DOMINGO – 15H05MIN



Noticiários me assustam! Tento desviar a mente para outras questões. Questões para dentro. Ao me permitir navegar por descaminhos e submundos difusos, outras dimensões reveladas me arrastam. Nossas querências (as mais profundas) são amputadas e doem muito. Ousar pelo desconhecido pode provocar múltiplos sentimentos que se presentificam agora em estado de pulsão e emoção.

O diário e a peste: uma experiência singular

DIÁRIO DE QUARENTENA, 22 DE MARÇO DE 2020 – DOMINGO – 21H27MIN

CARTA AO DESEJO ABANDONADO

Já não sei como perceber as coisas. Há tantas possibilidades girando que me vejo ausente, quieto e retraído nesse universo que tange entre o emaranhado de acontecimentos e a realista solidão que me cerca nesse instante. Como resistir a essa condição absoluta que revelo a mim mesmo sem piedade e sem clichês?

O que realmente desejo se distancia e o que recuso atravessa meu caminho de forma indomável. No outono eu me deprimio. Eu recolho. Eu encolho. Fecho e seco. Oro nos silêncios e durmo como fuga proposital. Peço e espero. Luto e tudo escapa. O passado já é uma ação que condena todo esse presente e queima ferozmente. A condição de não ter mais o tempo que passou causa agonia. As horas ditam percursos que disciplinam as vontades.



DIÁRIO DE QUARENTENA, 23 DE MARÇO DE 2020 – SEGUNDA-FEIRA – 01H28MIN

Como apressar a felicidade em tempos obscuros? Como ser o donatário da própria felicidade se a mesma parece se distanciar cada vez mais dessa invenção que chamamos de vida?

Vivo nessa longa e árida espera.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 27 DE MARÇO DE 2020 – SEXTA-FEIRA – 07H25MIN

Anos a fio morando aqui neste apartamento e é a primeira vez que olho pela sacada e não vejo nenhum carro avançando no imenso viaduto que horizontaliza minha visão. É uma cena apocalíptica como se eu fosse o único vivente em meio desse nada de concreto e ferro.

Luzes acesas nos postes e nas alamedas. Ventos sacodem as copas das árvores. Lá embaixo nenhuma pressa. Nenhuma buzina, nenhum cão, nem andarilho, nenhum atleta correndo, nenhum gari, nenhum bêbado ou transeunte qualquer.

Nada, nada, nada.

Sobra o silêncio. Sigo inerte e impotente.

Há suprimentos na geladeira. Nos telejornais, noticiários sobre a peste.

Penso em ler, escrever ou meditar. Não sou mais produtivo.

Penso em limpar os cômodos da casa, em organizar os armários e preparar um pesticida natural a base de vinagre e bicarbonato de sódio para afastar as traças. Penso e não faço.

Tenho todo o tempo do mundo e não consigo fazer absolutamente nada.

Penso em limpar vidraças, alvejar os rejuntas dos pisos e azulejos, tirar o pó dos livros. Nada.

Nada me move. Nada me comove. Tudo me assusta.

Não quero. Não vejo. Não ajo. Tenho todo o tempo do mundo e parece que não tenho o mundo. Um blecaute num dia de sol.

E agora? O que essa experiência em andamento atravessada em mim vai operar em nós?

Subo e desço os 22 andares do meu prédio sem usar o elevador para forçar alguma atividade física. As luzes de emergência me guiam pelas escadas de cimento queimado. Elas são tão solitárias como meus dias. Frias, cálidas, mudas e esterilizadas como o mundo que sobrou.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 05 DE ABRIL DE 2020 – DOMINGO – 03H25MIN

E então veio repentinamente essa experiência da escrita na madrugada. Inédito em minha vida. Não estou com insônia. Apenas acordei para ir ao banheiro e tomar água e ver a cidade dormindo. Sento na cadeira da sacada e vejo que não há viventes na rua. É madrugada. É quarentena. É confinamento. É um estado de guerra. O inimigo já chegou? O inimigo vai chegar? Ele já está no meio de nós. Penso na vida. Volto a dormir.

Acordo, e ainda é domingo. Há humor nas redes sociais. Vejo homéricas polarizações políticas. Vejo as lideranças nacionais mergulhadas na própria demência. Vejo notícias tristes pela TV e tragédias mundo afora. Há em mim um sentimento de impotência.

Fracionei meus dias em estudos, faxinas, compras. Em afazeres culinários e domésticos. Ovos fritos têm ficado perfeitos. Coloridos, simétricos, oculares! Obras de arte! Lavo cortinas, tapetes e banheiros. Mapeei armários e limpo suas gavetas por empreitas. Filtro o supérfluo, garimpo o necessário, elimino o inútil. Abro um vinho. Repenso a vida e começo a faxina interna. Revejo amizades, visito amores gratos e enterro os infortúnios. Seleciono imagens boas. Ofereço prenda aos deuses e santos. Peço proteção. Peço desculpas. Há em mim silêncios e plenitude. Não atiro pedras, nem em mim nem em outros. Há uma cidade deserta. Há medo e insegurança lá fora. Não há vento nem movimento. Sigo à espreita.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 11 DE ABRIL DE 2020 – SÁBADO DE ALELUIA –
03H21MIN

Meus passeios têm sido levar o lixo ao subsolo onde ficam as lixeiras. São vinte e dois andares. Para cada andar são quatro lances de quatro degraus totalizando trezentos e cinquenta e dois degraus.

Não olho para as placas que indicam os andares para não despertar a ansiedade. Andar em espiral causa náuseas e uma leve tontura.

Penso na vida e paro de contar os degraus.

A descida é rápida e festiva. A subida é lenta e sinto as panturrilhas arderem. Se acelero os passos, o pulmão pede ar. Se desacelero, penso na praticidade dos elevadores essa invenção maravilhosa que pouco valorizamos. Mas não quero jogar sujo. Preciso me exercitar.

Estou num lugar ainda mais deserto. Essas escadarias são claustrofóbicas. Aqui tudo deserto e estéril. Nenhum vivente habita esse ambiente. Nunca vi aranhas, traças ou baratas. Nem formigas. Só um piso-concreto-cinza iluminado artificialmente por luzes mágicas que acendem instantaneamente ao calor de um corpo vivo passando. Desejo sempre que seja o meu.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 06 DE ABRIL DE 2020 – SEGUNDA-FEIRA – 08H43MIN



Não há mais o amor. Há a cavidade da ausência. Como um membro amputado que nossos reflexos o recolocam ali, naquela falha física. Até que todo o desastre seja recoberto de falsas alegrias e placebos de felicidade para que os mosquitos do esquecimento possam camuflar essa cratera profunda em nós. Há muita dor para ser filtrada.

Move-se o mundo. O tempo faz seu trabalho numa paciência bíblica. Ele não é convocado e nem controlado. Agem em seu devir-tempo e a gente morre em nosso devir-vida.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 25 DE ABRIL DE 2020 – SÁBADO – 08H37MIN

Da sacada vejo a piscina. Imagino um corpo atravessando a fina camada de água como uma folha translúcida que reflete o sol matinal atravessando a perfeita geometria desse retangular aquário.

Fora dela está o mundo e sua ferida exposta que sangra, dói, rasga e queima. A dor, a perda e a solidão. A angústia e o cheiro de morte nas poucas flores amarelas despencando das árvores urbanas se despedindo da primavera.

Dentro, o azul profundo que liberta ao diluir a dor no líquido. O azul, em notas musicais rasgando o fúnebre silêncio, acolhe os íntimos instantes de sobrevivência.

A piscina, um céu invertido e molhado, é um vendaval de sensações que percorrem um corpo vibrátil.

A morte e a sorte. A dor e o amor. O juízo e o prejuízo. A loucura e a paúra. Esse anilizado mergulho imaginário e quase glacial me põe em lágrimas.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 02 DE MAIO DE 2020 – SÁBADO – 15H37MIN

Hoje fiquei na companhia de Clarice (a Lispector). A exatidão de suas palavras e o excesso de realismo esbarrando na nostalgia que cai na poesia de suas palavras me arrebatam completamente. Há doçura e acidez na medida certa. Madame Lispector me faz viajar em suas crônicas do cotidiano e passear pelo Rio de Janeiro que eu desejava ter conhecido. Mesmo assim, passei com ela pelo Jardim Botânico em suas palavras matematicamente exatas para compor a cena perfeita da vida imperfeita.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 22 DE MAIO DE 2020 – SEXTA-FEIRA – 18H26MIN

O mundo está de ponta-cabeça. Há um feriado de seis dias que não se trata de um feriado. Seria um sonho de consumo não fosse o isolamento, o medo de morte e a angústia. As mortes multiplicam-se. Dizem que haverá um pico da pandemia. Será hoje? Pelos telejornais, vejo sepulturas a granel. É muito temeroso ouvir que 1176 pessoas morreram nas últimas 24h. São números de batalhas bélicas que nunca presenciei e que pintam de horror o escuro frio lá fora. Há em mim um silêncio profundo nessa quarentena. Um silêncio de dentro e um silêncio de fora. Nesses silêncios é que ouço um zumbido no ouvido esquerdo que me acompanha há anos. Preciso consultar um otorrinolaringologista com urgência. Só ouço esse zumbido no silêncio total. E ele está recorrente nas madrugadas de insônia dessa quarentena interminável. É como aquele efeito da concha no ouvido. Ouço o mar. Ouço segredos. Ouço saudades. A memória me carregou para a infância quando no mês de julho, em meio às férias e frio intenso, li *O morro dos ventos uivantes*. A escolha da obra fazia parte de uma dinâmica pedagógica de minha inesquecível professora de Língua Portuguesa, Maria Thereza Caleff, que uma vez por mês esparramava livros nos parapeitos das janelas da sala de aula. E nós, alunos, tínhamos o privilégio, num momento mágico, de escolher a obra para degustar em quatro semanas. Foi assim que escolhi para aquelas férias de julho *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë. Após o jantar, todos foram para a sala. Ajudei minha avó a organizar a cozinha. Depois aproveitei o silêncio e o calor das brasas do fogão de superfície avermelhada para acompanhar a saga brutal e atordoada das personagens centrais Caty e Heathcliff.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 29 DE MAIO DE 2020 – SEXTA-FEIRA – 11H07MIN



Mais um mês chega ao fim. O frio intenso desses dias vem anunciando o fim do outono. O inverno vai chegar. O pouco sol que adentra pelas janelas traz um pouco de alegria para mim e para as plantas aqui de casa. Minha orquídea branca está pronta para parir. Já vejo seus botões gordinhos querendo arrebentar. Ano passado, minhas orquídeas permaneceram encantadas por mais de três meses e depois sucumbiram silenciosamente no incontrolável ciclo da vida. E agora elas retornaram e irão alegrar minha casa durante o inverno em meio às incertezas dessa pandemia instaurada. Será que devemos aprender com elas e aceitar a finitude?

DIÁRIO DE QUARENTENA, 24 DE JUNHO DE 2020 – QUARTA-FEIRA – 13H47MIN



100º dia de confinamento total

26° C

Chuva 0,0 mm

Umidade 31%

Vento 15 Km/h

Pôr do sol 17h32

1.151.479 casos de Covid-19

52.771 mortes

As narrativas numéricas descrevem esse dia. O Brasil é o 2º no mundo em número de mortes pelo vírus com cara de jiló. Meus passeios se resumem a levar o lixo até o subsolo. Vou pelas escadas. Preciso ocupar o corpo.

Um corpo quente, tático, fluido. Que exala suores, lágrimas, esperma e excrementos. Que vaza, que chora, que cheira, que sangra, que goza. Um corpo que são corpos. Que ama e desama, que sofre e ri, que apaixona e repele, que pare e mata. Inelutável frear suas paixões e frenesis. Ele é todo pulsão, afecção, percepção e sensação.

Quero esse corpo vibrátil e potente. Vazando, escorrendo, gozando, fluindo até o último suspiro!

DIÁRIO DE QUARENTENA, 26 DE JUNHO DE 2020 – SEXTA-FEIRA –23H47MIN



VERBOS DO DIA

Acordar	Higienizar	Rir
Urinar	Cozinhar	Chorar
Comer	Almoçar	Pensar
Defecar	Informar	Cozinhar
Banhar	Cochilar	Jantar
Informar	Estudar	Lavar
Estudar	Merendar	Organizar
Escrever	Exercitar	Chocolatar
Distrair	Banhar	Escovar
Faxinar	Zapear	Dormir

DIÁRIO DE QUARENTENA, 27 DE JUNHO DE 2020 – SÁBADO – 10H17MIN
A CASA AUSENTE

Não consegui a fotografia da casa de meus avós. Peço, caro leitor deste diário, que usemos nossa imaginação e assim vamos encontrá-la.

Por falta de terraplanagem, a casa do Sítio Santa Tereza fora construída em dois pavimentos assimétricos. A parte de baixo, incrustada num barranco, era o balaústre da morada. Dividida em três grandes cômodos, formavam os porões da casa. O primeiro cômodo era reservado para mantimentos e coisas da cozinha: tacho de cobre, torrador de café, moedor de carne e de grãos, máquina de fazer macarrão, as latas de banha, o sal, o açúcar e o trigo em tambores de metal. No segundo porão, ficavam as ferramentas de trabalho da lavoura do café e os instrumentos para trabalhar com o tabaco. Ali também ocorriam as “Destalas” de fumo que consistiam em retirar o talo das amplas e gordas folhas verdes do tabaco. Ocorriam noite adentro, regadas de muita comida, café e chás. E muitos “causos” narrados pelos mais velhos. O terceiro porão era destinado à montaria: arreios, cabrestos, pelegos, esporas, ferraduras, bigornas, arados, etc.

Acima dos porões, e com escada externa, ficava a casa propriamente dita. Cozinha dentro e fora (esta com fogão à lenha), copa, salas e saletas e dormitórios com colchões de paina e penicos sob a cama. Banheiro era artigo de luxo e ficava fora da casa. À noite ninguém saía. E um amplo corredor que dava para a varanda. Nesse corredor ficava na parede um nicho com oratório provido de imagens de santos e santas. E pela ampla e iluminada varanda, cheia de flores e redes, avistava-se o horizonte.

Aos arredores da casa, além de árvores e flores, ficava o imenso terreiro para secagem do café. Era ali que brincávamos nas férias escolares. E foi ali que vimos a primeira assombração. Era julho e fazia muito frio. Nessa época, 17h30min já era noite. E costumávamos tomar banho e jantar lá pelas 18h. E foi num desses dias congelantes de inverno que vimos uma sombra estranha no paredão que cercava a casa. Fugimos correndo e apavorados. Durante muito tempo, os adultos tentaram nos enganar de que se tratava de morcegos que saíam das frestas dos porões. Mentira! Tínhamos certeza que era algo do além. Os anos seguintes foram de pesadelos, e evitávamos brincar ali quando a noite caía.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 29 DE JUNHO DE 2020 – SEGUNDA-FEIRA – 08H37MIN



A SENHORA SISUDA DA SALA DE JANTAR

Essa é minha bisavó Josephina (D. Pina). Mas essa não é minha bisavó. Não tenho nenhuma lembrança dela. Apenas essa imagem de mulher forte, sisuda e destemida. Esse retrato-imagem ficava na sala de jantar da casa de minha avó. Nessa sala, proibida para nós, netos-crianças, para evitar bagunças e destruições de crianças, ficava uma constelação de outros retratos da família e também um relógio cuco que só minha avó rotineiramente abria, com uma chave torneada, sua porta de vidro-cristal para dar cordas e garantir o regular funcionamento da engenhoca. E revelo aqui, caro leitor, que eu sempre soube onde ela escondia a chave do relógio. Ficava atrás do próprio objeto de luxo entre molduras de imbuia num torneado barroco. Mas nunca ousei mexer no carrilhão, vigiado pelos olhares severos da matriarca no retrato.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 03 DE JULHO DE 2020 – SEXTA-FEIRA – 20H17MIN

Aquilo que me faz tão bem
Eu quero a quilos
Porém, esse aquilo está a quilômetros daqui
Qui-lo tanto meu amor

DIÁRIO DE QUARENTENA, 06 DE JULHO DE 2020 – SEXTA-FEIRA – 15H53MIN

Hoje li crônicas de Hilda Hilst.

Sempre ácida com seu humor negro e escancarado, madame Hilst chega com sua literatura cortante e cheia de realidade. Fala de um Brasil de trinta anos atrás tão atual e tão contemporâneo que me assusta.

Hilda e sua Casa do Sol me remetem à Frida Kahlo e sua Casa Azul. A primeira escreve sobre os labirintos humanos, a segunda pinta nossas entranhas.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 08 DE JULHO DE 2020 – QUARTA-FEIRA – 10H45MIN



PARA SCHOPENHAUER:

A morte poderá ser flexionada.

Morremos no empírico.

Somos imortais na essência.

Mas é no luto que aprendemos a perder.

DIÁRIO DE QUARENTENA, 13 DE JULHO DE 2020 – SEGUNDA-FEIRA – 17H25MIN

Hoje completam quatro meses de quarentena. Cento e vinte dias confinados nesse apartamento. Mais de setenta e três mil mortes em nosso país.

Há notícias de que não haverá festas de fim de ano.

Muito menos carnaval ano que vem.

Há notícias de que as notícias não são boas.

Continua o duelo entre a peste e o amor. Uma batalha sem fim?

Vejo pelos telejornais a ignorância dos governantes. Mas vejo também muitos fabricantes de esperança pelos cantos do mundo. “Vai passar” é o lema que nos

encoraja. Creio que a humanidade seja isso: um jogo de tensão e forças que colidem todos os dias. É dessa fricção que a nossa história vai sendo composta. Na contração, no choque e na faísca. Lá fora um dia muito frio e um sol que se põe mais uma vez. A ventania chega com a noite



e sacode janelas e cortinas.

Imagens e palavras entram em sintonia para criar e recriar mundos em que a arte é convidada a participar. Escrita será amálgama dos processos de experimentações aqui invocando a montagem, desmontagem e remontagem de imagens. Ao provocar descamação das imagens para encontrar ali elementos caros de memórias e vidas, de história e pensamentos, de ressignificações e resistências, de resgates e respiros, de humanidades e desumanidades, vai se construindo esse museu tensionado pelas forças que atuam dentro e fora das imagens e que podem evidenciar a sobrevivência delas.

O diário de quarentena transformado em imagens e palavras também sobrevive como seu próprio criador. É instigante pensar nesse arcabouço sem fim de imagens que guardam e arrastam camadas de memórias e revelações.

Sei que a escrita não acompanha o pensamento. A velocidade do segundo é desleal à criatividade da primeira. E há hiatos de sofrimentos e angústias nesse processo que são sublimados na querência de avançar em ideias desejantes.

O corpo confinado será capaz de revelar diversas possibilidades de registros. São reverberações de intimidades, segredos e fraquezas em sensações e desejos.



REFERÊNCIAS

- BATAILLE, Georges. **História do olho**. Trad. Elaine Robert Moraes. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Lisboa. Relógio d' Água, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O anti-édipo**. Tradução de Luiz L. B. Orlandi. São Paulo: Ed 34 Ltda, 2010.
- TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens**. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

OBRAS LIDAS E QUE INFLUENCIARAM A MONTAGEM DO DIÁRIO DE QUARENTENA:

- BRUNO, Fabiana. **Imagens, Palavras e Montagens: a potência da experimentação das grafias no fazer antropológico**. 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, dez. 2018, Brasília. Disponível em: <https://www.31rba.abant.org.br>. Acesso em 22 jun. 2023.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed 34 Ltda, 1992.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. 2012. **Revista de Pós-Graduação em Artes**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204-219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/issue/view/830>.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015b.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. 2012. **Revista de Pós-Graduação em Artes**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 – 219, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/issue/view/830>.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015b.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Tradução: Mônica Costa Netto. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

O diário e a peste: uma experiência singular

SAMAIN, Etienne. Aby Warburg. Mnemosyne. Constelação de culturas e ampulheta de memórias. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. São Paulo: Editora Unicamp, 2012, p. 51-80.

SOBRE O AUTOR

Samuel Antônio Zanesco é graduado em História, professor e coordenador pedagógico em rede particular de ensino. Fez mestrado e doutorado pela Faculdade de Educação da UNICAMP sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Carlos Rodrigues de Amorim da mesma Instituição. Faz parte do grupo de pesquisa OLHO que tem como uma das vertentes os estudos imagéticos.

E-mail: samuelzanesco@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0063-5404>.

Recebido em 22 de outubro de 2023 e aprovado em 28 de novembro de 2023.